

HISTÓRIA E SOCIEDADE NAS SAGAS ISLANDESAS: PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS¹

Johnni Langer*

Resumo: O presente artigo apresenta algumas reflexões sistematizadoras sobre teoria, metodologia e discussões bibliográficas para o estudo das sagas islandesas. Também apresentamos perspectivas conceituais e classificatórias de estudo (métodos comparativo externo e interno, oralidade), além de alguns debates sobre a relação entre história e sociedade na Escandinávia medieval, especialmente para as investigações envolvendo o período viking.

Palavras-chave: Literatura medieval; Vikings; Sagas islandesas.

As sagas islandesas constituem um dos conjuntos literários mais importantes e originais da literatura medieval. Como uma das principais fontes para o estudo da sociedade Viking e também do período feudal-cristão, a relevância das sagas hoje transcende os estudos escandinavos e articula-se com um vasto campo das pesquisas culturais sobre o Ocidente medieval e moderno.

Nossa intenção primordial neste artigo é proporcionar aos estudantes e pesquisadores de língua portuguesa algumas das discussões básicas, especialmente teórico-metodológicas, que envolvem o tema das sagas islandesas e da Escandinávia medieval de forma mais genérica. Adotamos como principal critério perceber as fontes literárias nórdicas e suas interpretações preferencialmente para o referencial e o escopo do historiador, mesmo que, em alguns momentos, ocorra certa tendência à interdisciplinaridade, auxiliando, com isso, as bases para futuras pesquisas em história e sociedade escandinava.

¹ O presente trabalho faz parte de nosso projeto de pesquisa “*Mulher, magia, sociedade: aspectos da religiosidade na Escandinávia da Era Viking*”, desenvolvido junto ao departamento de História da UFMA, sob o processo n. 10546/2008 do CONSEPE, Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da Universidade Federal do Maranhão.

* Pós-Doutor em História Medieval pela USP. Professor adjunto em História Medieval na UFMA. Membro do *Grupo Brathair de Estudos Celtas e Germânicos* e coordenador do *Grupo de Estudos Medievais* da UFMA. Editor do site *Scandia: História e cultura dos Vikings*. <http://groups.google.com.br/group/scandia>. E-mail: johnnilanger@yahoo.com.br

1. Conceitos e classificações

As sagas são um tipo de narrativa literária onde se descreve a história de uma família ou linhagem histórica da Islândia medieval, especialmente os feitos guerreiros que tiveram lugar entre os anos 874 e 1030 (Iáñez, 1989: 117). O termo saga vem do verbo islandês *segja* (“dizer, recontar”) e é uma exclusividade desta região e do período medieval. O momento de mais intensa produção das sagas, de 1150 a 1350, foi influenciado em diversas ocasiões pela literatura clássica e pela hagiografia medieval em latim (Boyer, 1997: 130-133). O estilo predominante nas sagas é de uma narrativa factual, objetiva e rápida, regida em prosa, concentrando-se nos fatos de um personagem “digno de memória”. Uma saga não é uma lenda, conto, texto poético, épico, texto religioso (Boyer, 2002: 190). É uma forma única de narrativa literária criada no Ocidente, que destaca o mundo dos homens e o papel virtuoso da honra, da coragem e da fortaleza (Kellogg, 2000: xviii-xxv). Em sua origem, as sagas eram transmitidas oralmente e relacionavam-se com a criação de uma identidade e preservação das tradições regionais (Boulhosa, 2005: 17-18).² As sagas teriam uma grande afinidade com as epopéias (como a *Ilíada*, a *Canção de Rolando*, o poema de *Mio Cid*, etc), pois ambos os gêneros seriam pautados na constituição de uma identidade cultural de fundo histórico, mas diferenciando-se por serem narrativas prosaicas e não poéticas (Moosburger, 2009: 21).³

Estas fontes literárias teriam sido criadas basicamente como formas de identidade e unificação cultural aos colonizadores instalados na ilha, mas também tratando tanto de virtudes quanto defeitos, assim como banalidades ou humores da vida cotidiana (Byock, 2001: 27).

As sagas tradicionalmente são classificadas por referenciais temáticos (sagas legendárias: *fornaldarsögur*, sagas de reis: *konungasögur*; sagas de família: *íslendingasögur*; contemporâneas: *sturlunga saga*, sagas dos bispos: *biskupasögur*; sagas de cavalaria traduzidas: *riddarasögur*; sagas de cavalaria de origem nativa:

² Uma excelente discussão literária e historiográfica sobre as sagas está disponível também em Bernardez, 1983: 6-47. Para maiores considerações teóricas e bibliográficas sobre as sagas, consultar os excepcionais estudos *King's Sagas*, de Theodore Andersson e *Icelandic Family Sagas*, de Carol Clover, disponíveis em Clover & Lindow, 2005: 197-238; 239-315. Para as recentes aplicações da teoria da tradição oral ao estudo das sagas islandesas, especialmente as produzidas durante os séculos XII e XIII, verificar Sigurðsson, 2004: 35-115.

³ Para uma discussão acerca dos paralelos literários entre as sagas islandesas e as epopéias europeias, especialmente o poema de *Mio Cid*, ver: Messuti, 1987: 119-126.

lygisögur).⁴ Devido ao limite deste trabalho, vamos conceder algumas rápidas perspectivas metodológicas somente para os tipos de sagas mais utilizadas pelos historiadores e mitólogos⁵, não desprezando a importância das outras formas:

Tabela 1: Conceitos básicos presentes nas sagas islandesas⁶

TIPO DE SAGA	CARACTERÍSTICAS BÁSICAS	ELEMENTOS NARRATIVOS BÁSICOS	TEMAS	RELAÇÃO COM A SOCIEDADE	RECEPÇÃO SOCIAL NO MOMENTO DA COMPOSIÇÃO	RELAÇÃO COM A HISTÓRIA	PERSPECTIVAS METODOLÓGICAS PARA O FUTURO
<i>Íslendingasögur</i>	Natureza semi-histórica. Narrativa objetiva, formal e descritiva. O sobrenatural é incidental.	Descreve a relação social ou a relação entre um homem e uma mulher. Estrutura: introdução/clímax/vingança/contravincança/reconciliação/desfecho	Disputas; lideranças; heroísmo; jornadas; raids; guerreiros desterrados	Ideologias pagãs continuam após a cristianização: importância da família, honra e vingança	Considerada verossímil e real: as histórias são narradas como se fossem história	Vistas como versões miniaturas da grande história da nação	A utilização da literatura para se perceber sintomas sociais de ordem, crise e identidade social; estudos sobre audiência e os temas nativos; análise sobre a relação entre religiosidade, sociabilidade e moral
<i>Fornaldarsögur</i>	Gênero híbrido entre tradição heróica, mito, folclore e romance continental. A ação ocorre na Escandinávia; o tempo é anterior à colonização islandesa; os personagens	Introdução da juventude do herói; elenco dos motivos da aventura; ciclo de aventuras; conclusão.	Preponderam temas fantásticos, sobrenaturais, mitológicos, folclóricos: monstros, seres imaginários,	Seria um reflexo do passado pagão e heróico	Narrativas para entretenimento e	Não existe relação direta com a história política e socioeconômica da Escandinávia	Ênfase da relação entre literatura e ideologia nas sagas: o pensamento monárquico do medievo;

⁴ Alguns autores ainda inserem nesta lista temática as vidas dos santos (*heilagra manna saga*). Outras formas de classificação das sagas islandesas: tempo de composição das sagas (*samtíðssagaer*, *fortíðssagaer* e *oldtíðssagaer*); período clássico e pós-clássico das sagas (Buhl, 2004: 14); incidência do fantástico e do sobrenatural: sagas realistas (*íslendingasögur*) e não realistas (*fornaldarsögur*, *riddarasögur*) (Mundal, 2006); os cinco princípios do pesquisador Torfi Tulinius, para o qual as sagas podem ser agrupadas dentro de cinco padrões: genealógico, geográfico, religioso, relação com o sobrenatural e *status* social dos protagonistas (Tulinius, 2000: 527); quanto à forma: biográficas, crônicas regionais, sagas de conflito (Andersson, 2004: 17). Alguns propõe que as *fornaldarsögur* se subdividem em sagas heróicas, de vikings e de aventuras (Lluch, 2007: iv).

⁵ Para um detalhamento bibliográfico sobre fontes primárias e secundárias envolvendo sagas islandesas e outros materiais da Escandinávia Medieval, consultar Bohlhosa, 2008.

⁶ Referências: Ólason, 2007: 101-118; Mundal, 2006; Tulinius, 2007: 447-461; Cormack, 2007: 27-42; Glauser, 2007: 372-387; Bragason, 2007: 427-446; Andersson, 2005: 197-238; Clover, 2005: 239-315; Driscoll, 2007: 190-204; Jakobsson, 2007: 388-402; Lluch, 2007: i-xv; Campo, 2003: i-xxiii;

	geralmente são noruegueses. As localidades são fantásticas e remotas. Os motivos são extragermânicos. Ampliação dos poemas éddicos. O sobrenatural é regra.		localidades ficcionais e reais, motivos sócio-históricos da Escandinávia sob o referencial fantástico		aprendizado		valores éticos da monarquia; elementos paródicos; ideologias sexuais, etc.
<i>Sturlunga saga</i>	Foram escritas logo após terem sido recontadas, ao contrário das outras sagas. O sobrenatural é incidental, geralmente sob a forma de sonhos e visões.	Possui estrutura narrativa muito semelhante às <i>Íslendingasögur</i> , diferenciando-se na frequência dos motivos e eventos individuais	Genealogias, sonhos, visões, jogos e lutas, conflitos e lutas, composição e coragem, lealdade, fidelidade, traição, casamento e concubinação.	Reflete o momento cultural. Uma literatura que gerava consciência pública.	Considerada verossímil e real: as histórias são narradas como se fossem história	Tradicionalmente são vistas mais como narrativas históricas que foram literarizadas do que ficção pura.	Tratamento das sagas contemporâneas como literatura; a relação destas com a política e as mudanças culturais na Islândia. Estudo de casos culturais: evidências para normas e papéis na sociedade islandesa
<i>Konunga sögur</i>	Tem muito em comum com as sagas de famílias e biografias reais e nacionais latinas e da Europa	Biografias minuciosas, ricas em detalhes e repletas de caracteres menores, como diálogos e cenas elaboradas.	Biografias de reis, ideologia da realeza, política, poder e sociedade. Virtudes dos reis. Cristianização da Noruega. Sonhos, profecias e milagres	Reforça a instituição social da realeza	Nunca constituíram um tipo popular de saga	Narrativas com conteúdo semi-histórico, semi-legendário e com inclusão de elementos sobrenaturais ou do passado pagão	Revisão do envolvimento político e ideológico dos supostos autores das sagas
<i>Riddarasögur</i>	Narrativas traduzidas dos romances de cavalaria e corte da França, Inglaterra, obras latinas e baladas nórdicas	Não possui a objetividade do estilo "clássico" das sagas	Ideologia cavaleiresca e de corte; jornada do herói; temas da literatura do medievo central	Os aspectos didáticos para a audiência foram usados para glorificação do rei	Narrativas para entretenimento e instrução	Não existe relação direta com a história política e sócio-econômica da Escandinávia	Pesquisa do processo de transmissão pós-tradução; análise dos discursos de amor, sexualidade, gênero e identidades sociais.
<i>Lygisögur</i>	Narrativas sobre cavalaria e de corte de origem nativa, especialmente Noruega	Enredos curtos e sem complexidade, como a estrutura dos contos de fada e folclóricos; e também, os elementos básicos são repetidos e com algumas variações. Tradicionais	Elementos fabulosos, sobrenaturais, motivos estrangeiros, cenas de batalha	Reflete a ideologia das categorias sociais que a produziram e a consumiram	Narrativas para entretenimento e instrução, com particular uso pelos clérigos	Não existe relação direta com a história política e sócio-econômica da Escandinávia	Estudos sobre as estruturas tradicionais de narração, fraseologia e composição; relação da oralidade com a audiência literária e os copistas.

		quanto à estrutura e estilo					
--	--	-----------------------------------	--	--	--	--	--

A principal e mais tradicional metodologia para a investigação da Escandinávia da Era Viking foi desenvolvida a partir do século XVIII, mas essencialmente vinculada ao Oitocentos – aqui denominada por nós de “perspectiva generalista”, “universalista” ou “unidade cultural germânica”. Segundo os pesquisadores vinculados a este pensamento, a Escandinávia da Era Viking teria sido um período e uma região com uma unidade cultural pensada em termos absolutos. As construções nacionalistas – que revalorizaram a publicação das sagas e fontes literárias medievais no período moderno -, atendiam ao despertar romântico de um passado heróico. Assim, a literatura e a arte fundiram-se em uma interpretação política da História, todas refletindo as antigas glórias dos nórdicos (Lönnroth, 1999: 243).

Essa tendência encontrou respaldo tanto no estudo dos mitos, quanto no das sagas. No primeiro caso, temos as clássicas idéias de Georges Dumézil (que também abrangeu as sagas islandesas), para quem a tripartição social influenciaria desde os povos germânicos do período de migração até os vikings, com uma mitologia praticamente inalterada. As principais críticas a esse pensamento destacam tanto as variações lingüísticas e geográficas dos mitos escandinavos (Orton, 2007: 314), quanto a idealização de um tempo e de uma sociedade germânica fictícia por parte de Dumézil (Boulhosa, 2006: 20).⁷

Os modelos generalistas mais comuns no estudo das sagas enfatizaram a noção de autoria individual, influenciados pela tendência de se considerar majoritariamente as sagas como produtos literários. As idéias de um autor único e de um único texto original e fechado dominaram os estudos das sagas, especialmente durante o Oitocentos e na primeira metade do século XX. As novas tendências privilegiam a multiplicidade e a variação dos textos manuscritos medievais (Boulhosa, 2005: 5-16). Houve mudança nas

⁷ Para maiores detalhes sobre o questionamento dos modelos generalistas para a Escandinávia Viking, ver o artigo de Langer, 2006: 48-78 (especialmente tabela 1). A religião Viking também quase sempre foi pensada como unificada, sem variações regionais, centralizada etnicamente e equacionada pela moderna imagem das nações a partir do século XIX: sentimentos nacionalistas moldando concepções anacrônicas sobre a fé antiga. Sobre o questionamento da noção generalista da religiosidade nórdica, consultar: Langer, 2005: 78-79.

narrativas tanto no momento de transmissão (memória), quanto na escrita e cópia, estas últimas ajustadas para atender a necessidades particulares ou a influência ideológico-social de um narrador individual (Bragason, 2007: 440).

2. As novas perspectivas para o estudo das sagas

Os estudos mais atuais, produzidos nos últimos 40 anos – a nova Escandinavística – tende a considerar tanto o período viking quanto o feudo-cristão como altamente complexos, enfatizando que na maioria dos registros literários figuram membros da realeza e alta aristocracia (além do mundo clerical) e não toda a sociedade nórdica, além de privilegiar recortes regionais e o contexto sócio-histórico do momento em que o documento-fonte foi produzido (Sawyer, 2006: xi-xvi).

As tendências atuais não enfatizam mais a dicotomia história *versus* ficção nas sagas islandesas, ou então, a busca por parâmetros históricos tradicionais na constituição dos personagens, eventos, trama, e sim o estudo dos valores sociais, os temas, as tendências, os padrões, as estruturas e as contradições nos textos (Sawyer, 2006: 24), aproximando-se da História Social e Cultural, além da Antropologia Histórica e da História Comparada.

Baseando-se nestas considerações, apontamos os três principais métodos utilizados pela nova Escandinavística, que também podem ser utilizados em conjunto.

2.1. Método comparativo externo

Os fenômenos culturais no mundo nórdico não são mais pensados em termos puramente internos ou “nativos” por muitos pesquisadores, mas buscando conexões externas, em uma dinâmica que procura explicar as variações, conflitos e permeabilidades sociais ao longo da História.

As conexões mais óbvias, em primeiro lugar, são as efetuadas com a tradição germânica, especialmente em seus aspectos culturais, lingüísticos, mitológicos e religiosos, mas não procurando seguir os modelos generalistas – no qual o pan-germanismo seria sempre um modelo equalizador, mas também percebendo as

diferenças e variações de cada época e região ou a dinâmica de preservação das fontes literárias.⁸

Acima de tudo, os estudos envolvendo fontes literárias medievais devem levar em conta toda uma nova perspectiva dos limites das generalizações e dos grandes modelos teóricos, especialmente os da tradicional mitologia comparada. Dependendo do enfoque utilizado, os paralelos podem diminuir ou ficar limitados: “Quanto mais ele restringe o campo da comparação (...), mais ele vai encontrar diferenças, distinções possíveis entre duas potências e outras convocadas para a ocasião” (Detienne, 2004: 118-119).

Ao mesmo tempo, pesquisadores conclamam a necessidade de se efetuarem estudos, a partir das quais as conexões ou diferenças possam efetivamente demonstrar que a Escandinávia da Era Viking não foi um período e uma região sem qualquer tipo de vínculo cultural com a Europa norte-continental e mesmo mediterrânea, a exemplo da cultura visual: “A relação entre iconografia nórdica e europeia e a poesia vernacular é incerta” (Fuglesang, 2006).⁹ Outros tipos de fontes, como descrições de viajantes e relatos estrangeiros, são limitados a recortes temporais específicos e não conseguem abranger toda a região.¹⁰ Por sua vez, diversos estudos já apontaram as influências latinas, judaico-cristãs, orientais, celtas, anglo-saxãs, eslavas e finlandesas na composição das sagas islandesas.¹¹

Os limites deste tipo de abordagem, a comparação externa, seriam a de que as características comuns (paralelos, padrões comuns, similaridades estruturais) podem não ser resultados de empréstimos (difusão, contato) ou continuidade cultural, mas sim porque são comuns a ambas as culturas abordadas e de forma independente (Sawyer,

⁸ Neste sentido, o artigo de Birro & Fiorio, 2008: 47-67 é uma excelente iniciativa no campo comparativo entre sagas islandesas e fontes literárias germânicas, em que os padrões pan-germânicos de religiosidade e guerra são percebidos enquanto paralelos (no referencial de longa duração braudeliana), mas respeitando também as transformações e dinâmicas que o período tardio apresentou (ao menos, para a Escandinávia medieval). Outro bom exemplo dos estudos comparados germânicos é o artigo de Pereira, 2008: 51-67, discutindo parâmetros e diferenças na construção das figuras femininas. O estudo sobre a representação da mulher viking vem concedendo importantes contribuições para a Escandinavística, sendo atualmente muito valorizado na América do Sul, como em Maltauro, 2005: 39-44 e Iolster, 2004: 17-35. Para um panorama sistematizador sobre este tema, consultar: Quinn, 2007: 518-535.

⁹ Para uma discussão entre iconografia, cultura visual e fontes imagéticas da Era Viking, suas conexões, fontes e bibliografia analítica, consultar: Langer, 2006: 10-41.

¹⁰ Este tipo de fonte permite elucidar melhor o século IX e somente certas áreas da Escandinávia da Era Viking (Sawyer, 2007: 3-5).

¹¹ Para uma discussão sobre algumas destas influências nas sagas islandesas, consultar: Tulinius, 1997: 279-288; Tulinius, 2005. Alguns pesquisadores apontam a interferência da literatura irlandesa na composição das sagas islandesas (como Oliveira, 2009), enquanto outros são totalmente contrários a este referencial.

2006: 24-25). De qualquer forma, as possibilidades analíticas desta abordagem são muito interessantes, principalmente se forem conjugadas com metodologias apropriadas, como as da História Comparada.¹²

2.2. Método comparativo interno

Comparar as sagas com outras evidências da sociedade islandesa e escandinava é uma das principais abordagens da Escandinavística, desde suas origens. O que as pesquisas recentes procuram delinear são novas formas e novos materiais para realizar estas abordagens. Uma das mais enfatizadas são os estudos rúnicos, pelos quais as inscrições em pedra e madeira representam o melhor *corpus* de fontes sobre história política, social e econômica da Escandinávia da Era Viking, além de apresentar aspectos preciosos sobre literatura, linguagem, arte e poesia. Elas também podem detectar a mudança de religiosidade, novas formas de governo e de autoridade (Sawyer, 2007: 10-17).¹³

As evidências materiais (objetos, arquitetura, espaço físico e toponímia) obtidos pela Arqueologia são também importantes parâmetros comparativos tanto para se perceber as diferenças e ou similaridades entre o tempo em que as narrativas transcorrem (a Era Viking) quanto o tempo em que as narrativas foram escritas e preservadas (feudo-cristão). Os discursos e os métodos arqueológicos são eminentemente diferentes dos estudos de Literatura e da Filologia e devem ser utilizados para melhorar a crítica interna sobre a inter-relação entre texto medieval e concepções acadêmicas sobre texto e sociedade islandesa (Vésteinsson, 2007: 23-25).¹⁴

Uma das mais promissoras tendências dos estudos escandinavísticos vem sendo a aplicação de conceitos e metodologias antropológicas, tanto para o estudo de fontes literárias e históricas quanto para a interpretação de vestígios arqueológicos e de cultura material. Para isto, empregam-se prerrogativas que utilizam a fonte literária como relato puramente etnográfico, analisando a sua intertextualidade e, dentro da perspectiva da

¹² Barros (2007: 1-30) aponta algumas questões inerentes a este método, especialmente interessantes aos estudos escandinavos: a construção de indagações específicas (o que observar, como observar, como tratar os resultados observados) e os cuidados com o anacronismo, a analogia enganadora e a generalização indevida. Para maiores detalhes sobre a metodologia da História Comparada, consultar: <http://www.hcomparada.ifcs.ufrj.br/revista/hc/revista/hc.htm>

¹³ Para um melhor panorama sobre os estudos rúnicos da atualidade, consultar: Langer, 2005. Sobre o uso das runas como documentos literários e históricos, verificar: Larsson, 2007: 403-426.

¹⁴ Um estudo sobre a cultura material da guerra presente nas sagas islandesas pode ser verificado em Birro, 2008: 1-11.

cultura como linguagem, tratando as sagas islandesas como dados culturais primários, como a *Eyrbyggja saga* (Pálsson, 1995: 1-180).¹⁵

2.3. Oralidade

Os estudos sobre a oralidade das sagas islandesas estão relacionados, na realidade, diretamente às pesquisas sobre as origens da literatura escandinava. As investigações tradicionais criaram duas grandes vertentes teóricas: a da “prosa livre”, que enfatizava o papel primordial da narrativa oral na criação das sagas, e a “prosa livro”, que privilegiava a importância do escritor individual. Esta segunda vertente não excluía totalmente a oralidade, mas ela era usada somente em certas partes da saga para especificidades literárias, sempre evidenciando a autoridade criativa do indivíduo. Este ramo dos estudos propiciou o surgimento da concepção de autoria do “texto fechado” no mesmo caminho que os escritos contemporâneos, que já citamos anteriormente, e que se tornou dominante nos estudos escandinavos e na forma de publicação das traduções desde o século XIX (Sigurðsson, 2007: 290).

Após o surgimento das teorias de Propp e Parry Lord nos anos 1930, a presença de fórmulas e estruturas comuns nas sagas começaram a ser investigadas. Houve a tentativa de se distinguir os elementos orais dos escritos e o ponto de interseção entre eles, mas diversos teóricos atualmente consideram isso uma tarefa impossível.¹⁶ Alguns teóricos, como Sigurd Nordal e a chamada “Escola islandesa”, tendiam a reduzir o papel da oralidade. O valor histórico, folclórico ou etnográfico das sagas islandesas seria secundário, importando muito mais o seu espírito deliberado como obra de arte (Álvarez & Antón, 2001: xvii; Lönnroth 2003: 1), o que reforçava a teoria da prosa livro. A oralidade na literatura medieval passou a ser concebida como uma influência da

¹⁵ As pesquisas que aplicaram a metodologia crítico-literária de Tzvetan Todorov para a Escandinávia medieval mostraram-se muito promissoras, de Lars Lönnroth (1971: 1-20) a diversos estudos recentes apresentados no *The Thirteenth International Saga Conference* na Universidade de Durham, Inglaterra, em agosto de 2006, onde especialmente temas ligados ao fantástico nas fontes literárias vem sendo analisados nesta perspectiva metodológica. No Brasil, temos dois brilhantes estudos efetuados com este método, para o conto islandês de Helgi Thorisson e para o poema édico *Völuspá*, ambos realizados pelo professor Ciro Flamarion Cardoso (2005: 67-83; 2006: 32-48). Além de permitir vislumbrar a estrutura intrínseca e o caráter polivalente das fontes literárias, a perspectiva todoroviana concede ao pesquisador a oportunidade de conhecer as várias leituras de um mesmo texto. Para outras considerações sobre a abordagem antropológica das sagas, consultar Campo, 2009.

¹⁶ Alguns padrões de oralidade nos textos medievais seriam: fórmulas de contato com o público; erros fonéticos de transcrição; ordem natural das orações; ritmo; troca freqüente dos tempos presente e passado no mesmo parágrafo (Álvarez & Antón, 2002: xvi; Batany, 2002: 393).

obsessão pelas origens, desenvolvida pelos acadêmicos oitocentistas e que encobriria a ideologia romântica da cultura popular.¹⁷

No entanto, para Sawyer, 2006: 16, a cultura oral continuou a influenciar mesmo depois da introdução da escrita latina pela Igreja, e também acabou sendo afetada por esse meio de transmissão cultural. Assim, as primeiras leis, crônicas e histórias teriam sido baseadas na oralidade, mas numa mesma tradição afetada pela escrita. Os autores/escritores da Islândia medieval não seriam mediadores passivos, mas adaptadores – uma tradição (oral) baseada em uma realidade (a época da narrativa escrita) por meio de suporte escrito, criando uma nova tradição em comum: a audiência imanente (Sigurðsson, 2007: 294).

Carol Clover realizou uma mediação entre os dois extremos teóricos e argumentou que os precursores orais das sagas foram predominantemente episódicos e as sagas longas teriam sido uma novidade literária, mas os conteúdos seriam familiares a uma audiência imanente (Andersson, 2006: 4). Posteriormente, Gísli Sigurðsson e Tommy Danielsen retomaram os debates, inclinando-se à teoria oral, com apoio de outros escandinavistas. Para Sigurðsson (2004: 39-51), muitas sagas não teriam conexões literárias, mas sim foram criadas em torno do conhecimento de tradições similares. Neste sentido, coincidências textuais não foram devidas ao conhecimento de outras narrativas manuscritas por parte do escritor, mas ao conhecimento de tradições de fundo oral dos tempos vikings. Alguns acadêmicos, em contrapartida, percebem que somente as narrativas curtas poderiam ter um fundo oral, sendo as criações longas (como a *saga de Njál*) fontes puramente literárias. Refletindo as idéias de Sigurðsson e Danielsen, outros autores consideram que não se trata somente da reafirmação oral, mas também de uma avaliação pessimista de nossa capacidade de estudar a natureza das tradições que precederam os textos escritos. Em todo caso, ocorre certo consenso atual de que as narrativas curtas faziam parte da tradição oral e com a influência da escrita tornaram-se

¹⁷ Alguns pesquisadores atuais radicalizam essa opinião: “Fazer reviver um texto da Idade Média não é, portanto, perguntar-se quais são suas ‘fontes’: esquemas indo-europeus, mitologia celta ou germânica, tradições árabes trazidas por viajantes (...) Trata-se antes de colocar-se no momento em que o texto era lido, ouvido, apreciado, registrado na memória ou pela pena” (Batany, 2002: 390). Efetivamente, o estudo das influências céltico-germânicas tem validade na literatura medieval, porque remetem a temas, estruturas, símbolos, mitos e cenas que tiveram grande importância na cultura ocidental. Permanências e rupturas fazem parte da dinâmica de qualquer cultura e sociedade, mas procurar apenas enfatizar uma perspectiva sincrônica pode fazer com que o trabalho do historiador tenha uma importância muito restrita, ainda mais se tratando de um tipo de literatura estreitamente vinculada à cultura popular, ao folclore e à tradição mitológica, ou seja, às estruturas de longa duração.

estórias longas (uma idéia assegurada pela existência dos *Phættir*¹⁸) e, em outros casos, simbioses: sagas compostas literariamente (como a *Íslendinga saga*) imitavam o estilo oral, enquanto sagas transmitidas oralmente (a exemplo da *Eyrbyggja saga*), poderiam imitar o estilo da crônica (Andersson, 2006: 5, 13).

3. Conclusão: História e sociedade nas sagas islandesas

As sagas islandesas podem efetivamente servir como fonte histórica para o historiador, pois refletem a sociedade de sua época, sendo um “sujeito cultural” que possui o papel (inconsciente ou não) de transmitir informações sobre sua geração (Bragança Júnior, 2002: 2).¹⁹ Mas os pesquisadores devem estar atentos ao tipo de abordagem que pretendem utilizar para estas narrativas literárias, pois não existia entre elas uma distinção clara entre história e ficção no sentido moderno (Lönnroth 2003: 1), e mesmo nas fontes ditas historiográficas (como as crônicas do *Landnámabók* e *Íslendigabók*), os eventos são ligados a lendas (Würth, 2007: 155).

Alguns gêneros pan-escandinavos podem ser formas residuais da tradição oral (encantamentos, lendas, genealogias) (Mitchell, 2003: 203), permitindo uma abordagem para o estudo da história social dos tempos vikings, mesmo em se tratando de narrativas escritas séculos depois. Com isso, as diferenças e dinâmica interna das sagas deve ser sempre matizada (as sagas escritas em diferentes circunstâncias e por motivos diferentes): o tema da exposição de crianças não é mencionado nas sagas contemporâneas, mas sim nas sagas de famílias, evidenciando a interferência de leis cristãs (Sawyer, 2006: 23); o paganismo permanece fora do mundo das sagas contemporâneas, mas abunda nas sagas de famílias e nas legendárias. Esses padrões remetem somente a especificidades internas de audição e recepção, ou podem estar associadas a outras questões no processo de cristianização da Escandinávia? As possibilidades investigativas conectando a relação entre História e Sociedade nas fontes literárias são muito amplas.

Alguns pensam que, no momento em que as sagas surgem, no século XII, foram escritas num clima de interação entre fato e ficção (ao lado da historiografia e da

¹⁸ Sing.: *þátr*. Narrativas curtas em forma prosaica, escritas na Islândia durante os séculos XIII a XIV. Muitas foram preservadas em coleções de estórias curtas, mas outras foram inseridas em narrativas longas, como as sagas islandesas. Cf. Rowe & Harris, 2007: 462.

¹⁹ Apesar da posição totalmente contrária de alguns escandinavistas consagrados, que negam com veemência as sagas como fontes históricas (Simek, 2009).

hagiografia islandesa), mas tornaram-se ficção pura no século XIV. Neste sentido, as sagas dos reis seriam mais “históricas” que as sagas de família, mas estas segundas seriam mais “confiáveis” que as sagas legendárias. Os escritores das sagas transformariam o passado histórico em uma narrativa prosaica, recriando-as como literatura, mas no plano do discurso haveria a possibilidade de se realizar diferenças formais entre as narrativas islandesas ficcionais e as históricas (Buhl, 2004: 4-16). Outros acreditam que originalmente as sagas não constituíram um tipo particular de literatura, mas envolviam toda forma de narrativa sobre o passado. O novo conceito (a de gênero literário) teria sido introduzido após o século XII pelos cléricos e influenciou os escritores locais (Lönnroth, 2003).

Mesmo o uso tradicional das sagas de família e sagas contemporâneas para temas históricos pode ser realizado dentro de uma nova concepção, em que a ficção era inerente a todo tipo de saga. Eventos políticos, militares e carreiras individuais podem ser dúbios e imaginários, dentro deste ponto de vista, mas as estruturas sociais devem refletir a realidade de uma época (mesmo que seja a do momento em que a narrativa foi escrita, portanto, distante dos tempos vikings). A historicidade dos eventos das sagas islandesas seria uma abordagem secundária, aos olhos da nova Escandinavística, sendo o mais importante abordagens que privilegiem os valores, as tendências, os padrões e contradições presentes nos textos (Sawyer, 2006: 24) e mesmo as considerem os elementos de subjetividade do próprio narrador (Buhl, 2004: 12).

O reconhecimento de elementos autenticamente nativos e tradicionais (no sentido de terem sido realizadas na Era Viking) nestas fontes não é uma tarefa fácil, mas os estudos orais apontam como uma das mais interessantes abordagens para a reflexão de que houve transmissão e preservação de material histórico na Escandinávia. Neste sentido, as duas sagas groelandesas tornam-se alguns dos materiais mais paradigmáticos, tanto para apontar novas direções nos estudos, quanto para o confronto com as pesquisas histórico-arqueológicas da ocupação nórdica no Atlântico Norte (Sigurðsson, 2007: 295).

Sem sombra de dúvida, as sagas islandesas constituem uma das mais importantes fontes para os futuros estudos sobre Sociedade, História e Literatura não somente da Escandinávia, mas também para repensarmos a própria Europa medieval e os métodos e teorias criadas pelos acadêmicos para realizar estas investigações.

Agradecimentos: à professora Ms. Luciana de Campos; ao professor Dr. Álvaro Bragança Júnior (UFRJ), pelos comentários e revisões ao presente texto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ÁLVAREZ, Maria Pilar Fernández & ANTÓN, Teodoro Manrique. Introducción. *Saga de Gisli Sursson*. Valencia: Tilde, 2001, pp. i-xlv.
- ANDERSSON, Theodore Murdock. King's saga (konungasögur). In: In: CLOVER, Carol & LINDOW, John (eds.). *Old Norse Icelandic literature: a critical guide*. Toronto: Toronto University Press, 2005, pp. 197-238.
- _____. *The growth of the medieval icelandic sagas (1180-1280)*. EUA: Cornell University, 2006.
- BARROS, José D'Assunção. História Comparada: um novo modo de ver e fazer a história. *Revista de História Comparada* 1(1), 2007, pp. 1-30. <http://www.hcomparada.ifcs.ufrj.br/revistahc/vol1-n1-jun2007/mododever.pdf>
- BATANY, Jean. Escrito/oral. In: LE GOFF, Jacques & SCHMITT, Jean-Claude (org.). *Dicionário temático do Ocidente Medieval*. São Paulo: Edusc, 2002, pp. 383-396.
- BERNARDEZ, Enríque. Introducción/Las sagas islandesas. *Saga de Egil Skalla-Grimsson*. Madrid: Ed. Nacional, 1983, pp. 6-47.
- _____. Introducción. *Saga de Nial*. Madrid: Ediciones Siruela, 2003.
- BIRRO, Renan Max. A batalha de Vínheid (937 d.C.): armamento e organização da guerra viking na Saga de Egill (c. 1220-1230). In: Z Aidan et alli (Ed.). *Série Letras por Dentro V - Línguas, ficções: fronteiras em rasura*. Vitória: Editora da UFES, 2008. Disponível em: http://www.cchn.ufes.br/dll/letraspordentrov/activeNews_print.asp?articleID=40
- BIRRO, Renan Max & FIORIO, Jardel Modenesi. Os Cynocephalus e os Úlfhednar: a representação do guerreiro canídeo na Historia Langobardorum (séc. VIII) e na Egils saga (c. 1230). *Mirabilia* 8, 2008, pp. 47-67. http://www.revistamirabilia.com/Numeros/Num8/numero8_4.htm
- BOULHOSA, Patricia Pires. Sagas islandesas como fonte da história da Escandinávia medieval. *Signum* 7, 2005, pp. 13-40.
- _____. A mitologia escandinava de Georges Dumézil: uma reflexão sobre método e improbabilidade. *Brathair* 6(2) 2006, pp. 3-31. <http://www.brathair.com/revista/numeros/06.02.2006/dumezil.pdf>
- _____. *Escandinávia Medieval: bibliografia básica comentada*, 2008. <http://www.boulhosa.net/>
- BOYER, Régis. *Héros et dieux du Nord: guide iconographique*. Paris: Flammarion, 1997.
- _____. *L'Islande médiévale*. Paris: Les Belles Lettres, 2002.
- BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro. Poesia histórica e/ou realidade literária – Walther von der Vogelweide e a Alemanha nos séculos XII e XIII: uma abordagem culturalista. In: SILVA, Andréia Frazão & SILVA, Leila Rodrigues da. Atas da IV Semana de Estudos Medievais. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros, 2002, pp. 57-68. Disponível em: <http://www.abrem.org.br/Poesiarealidade.pdf>
- BRAGASON, Úlfar. Sagas of contemporary history (Sturlunga saga). In: MCTURK, Rory (Ed.). *A company to Old Norse-Icelandic literature and culture*. London: Blackwell Publishing, 2007, pp. 427-446.
- BUHL, Trine. Premises of literary history: on genre and narrative modes in the Sagas. *Brathair* 4(2) 2004, pp. 04-16. http://www.brathair.com/revista/numeros/04.02.2004/literary_history.pdf
- BYOCK, Jesse L. *Viking Age Iceland*. London: Penguin Books, 2001.
- CAMPO, Mariano González. Las sagas de los tiempos antiguos. Suplemento da edição *Saga de Hervor*. Madrid: Miraguano, 2003.
- _____. Introducción. Saga de Óláfr el tranquilo. *Brathair* 9(1), 2009, edição especial: sagas islandesas (no prelo). www.brathair.com
- CARDOSO, Ciro Flammarion. O conto islandês de Helgi Thorisson. *Narrativa, sentido, História*. São Paulo: Papyrus, 2005, pp. 67-83.
- _____. Aspectos da cosmografia e cosmogonia escandinavas. *Brathair* 6 (2) 2006, pp. 32-48. <http://www.brathair.com/revista/numeros/06.02.2006/cosmogonia%20escandinava.pdf>
- CHESNUTT, Michael. Orality in a Norse-Icelandic Perspective. *Oral Tradition* 2 (18), 2003, pp. 197-199. <http://journal.oraltradition.org/files/articles/18ii/Chesnutt.pdf>

- CLOVER, Carol. Icelandic family sagas (Íslendingasögur). In: CLOVER, Carol & LINDOW, John (eds.). *Old Norse Icelandic literature: a critical guide*. Toronto: Toronto University Press, 2005, pp. 239-315.
- CORMACK, Margaret. Christian biography. In: MCTURK, Rory (Ed.). *A company to Old Norse-Icelandic literature and culture*. London: Blackwell Publishing, 2007, pp. 27-42.
- DETIENNE, Marcel. *Comparar o incomparável*. São Paulo: Idéias e Letras, 2004.
- FUGLESANG, Signe Horn. Iconographic traditions and models in Scandinavian imagery. *13th International Saga Conference*, Durham University, 2006. www.dur.ac.uk/medieval/www/sagaconf/home.htm
- GLAUSER, Jurg. Romance (Translated riddarasögur). In: MCTURK, Rory (Ed.). *A company to Old Norse-Icelandic literature and culture*. London: Blackwell Publishing, 2007, pp. 372-387.
- HOLMAN, Katherine. Sagas of the Icelanders/Sagas of ancient times. *Historical dictionary of the Vikings*. Oxford: The Scarecrow Press, 2003, pp. 234-235.
- IÁÑEZ, Eduardo. *História da literatura universal*, volume II: A Idade Média. Lisboa: Planeta Editora, 1989.
- IOLSTER, Nelly Egger de. Mujeres en la Saga de Njal. *Temas Medievales* 12, 2004, pp. 17-35. <http://www.scielo.org.ar/pdf/tmedie/v12/v12a02.pdf>
- JAKOBSSON, Ármann. Royal biography. In: MCTURK, Rory (Ed.). *A company to Old Norse-Icelandic literature and culture*. London: Blackwell Publishing, 2007, pp. 388-402.
- KALINGE, Marianne. Norse romance (Riddarasögur). In: CLOVER, Carol & LINDOW, John (eds.). *Old Norse Icelandic literature: a critical guide*. Toronto: Toronto University Press, 2005, pp. 316-364.
- KELLOGG, Robert. Introduction/Forms of Icelandic narrative. *The sagas of Icelanders: a selection*. London: Penguin Books, 2000, pp. xv-lv.
- LANGER, Johnni. Review of Viking Age Iceland (Byock, Jesse). *European Journal of Archaeology*, London, 6 (3), 2003, pp. 328-330.
- _____. Resenha da obra *The Viking-Age Rune-Stones: custom and commemoration in Early Medieval Scandinavia*, de Birgit Sawyer. *Revista Signum* 7, ABREM, 2005a.
- _____. Religião e magia entre os vikings: uma sistematização historiográfica. *Brathair* 5(2) 2005b, pp. 55-82. http://www.brathair.com/revista/numeros/05.02.2005/magia_viking.pdf
- _____. As estelas de Gotland e as fontes iconográficas da mitologia viking: os sistemas de reinterpretções oral-imagéticos. *Brathair* 6(1) 2006a, pp. 10-41. <http://www.brathair.com/revista/numeros/06.01.2006/estelasgot.pdf>
- _____. Mythica Scandia: repensando as fontes literárias da mitologia Viking. *Brathair* 6 (2), 2006b, pp. 48-78. http://www.brathair.com/revista/numeros/06.02.2006/mythica_scandia.pdf
- _____. Vikings. In: FUNARI, Pedro (org.). *As religiões que o mundo esqueceu*. São Paulo: Contexto, 2009a, pp. 130-143.
- _____. *Deuses, monstros, heróis: ensaios de mitologia e religião Viking*. Brasília: Editora da UNB, 2009b.
- _____. Galdr, feitiçaria e sociedade na saga de Bósi. *Brathair* 9(1), 2009. Edição especial: sagas islandesas (no prelo). www.brathair.com
- LARSSON, Patrik. Runes. In: MCTURK, Rory (Ed.). *A company to Old Norse-Icelandic literature and culture*. London: Blackwell Publishing, 2007, pp. 403-426.
- LLUCH, Santiago Ibañez. Características generales de las sagas de los tiempos antiguos. Suplemento da edição *Sagas islandesas de los tiempos antiguos*. Madrid: Miraguano, 2007.
- LÖNNROTH, Lars. Hjálmar's death and the delivery of eddic poetry. *Speculum* 46(1), 1971, pp. 1-20.
- _____. The Vikings in History and Legend. In: SAWYER, Peter (ed.). *The Oxford Illustrated History of the Vikings*. Oxford: Oxford University Press, 2001.
- _____. The transformation of literary genres in Iceland from orality to literacy. *12th International Saga Conference*, Bonn, 2003. <http://www.skandinavistik.uni-bonn.de/saga-conference/>
- MALTAURO, Marlon Ângelo. A representação da mulher viking na Volsunga Saga. *Brathair* 5(1) 2005, pp. 32-44. http://www.brathair.com/revista/numeros/05.01.2005/mulher_viking.pdf
- MEDEIROS, Márcia Maria de. A história cultural e a história da literatura medieval: algumas referências à escritura do oral e a oralidade do escrito. *Fronteiras* 10 (17), 2008, pp. 97-111. <http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/FRONTEIRAS/article/viewFile/64/74> Acesso em 22 de maio de 2009.
- MESSUTI, Carlos Alberto. Una comparasion entre la saga de Egil Skallagrímsson y el poema del mio cid. *Incipt* 7, 1987, pp. 119-126. Disponível em: <http://carlosmessuti.tripod.com/egil/egil.pdf>

- MIRANDA, Pablo Gomes de. Sagas islandesas: literatura medieval no norte da Europa. *VIII Conhecimento em Debate*, 2008. http://www.cchla.ufpb.br/conhecimentoemdebate/arquivos/390-29092008173959-Sagas_Islandesas.pdf
- MITCHELL, Stephen. Reconstructing Old Norse Tradition. *Oral Tradition* 2 (18), 2003, pp. 203-206. http://journal.oraltradition.org/files/articles/18ii/7c_mitchell.pdf Acesso em 22 de maio de 2009.
- MOOSBURGER, Théo de Borba. Posfácio. *Três sagas islandesas*. Curitiba: Editora da UFPR, 2007, pp. 125-137.
- _____. Introdução. *Saga dos Volsungos*. São Paulo: Hedra, 2009.
- _____. Os varangos nas sagas islandesas. *Brathair* 9(1), 2009, edição especial: sagas islandesas (no prelo, consulta ao artigo original). www.brathair.com
- MUNDAL, Else. The Treatment of the Supernatural and the Fantastic in Different Saga Genres. *13th International Saga Conference*, Durham University, 2006. <http://www.dur.ac.uk/medieval/www/sagaconf/mundal.htm>
- ÓLASON, Vésteinn. Family sagas. In: MCTURK, Rory (Ed.). *A company to Old Norse-Icelandic literature and culture*. London: Blackwell Publishing, 2007, pp. 101-118.
- OLIVEIRA, João Bittencourt. Aventura e magia no mundo das sagas islandesas. *Brathair* 9 (1) 2009, edição especial: sagas islandesas (no prelo). www.brathair.com
- ORTON, Peter. Pagan myth and religion. In: MCTURK, Rory (Ed.). *A company to Old Norse-Icelandic literature and culture*. London: Blackwell Publishing, 2007, pp. 302-319.
- PÁLSSON, Gísli. *The textual life of savants: ethnography, Iceland, and the linguistic turn*. Harwood, 1995.
- PEREIRA, Valéria Sabrina. Táticas de poder empregadas por personagens femininos em A canção dos Nibelungos e a saga dos Volsungos. *Brathair* 8(2) 2008, pp. 51-67. <http://www.brathair.com/revista/numeros/08.02.2008/6.pdf>
- POOLE, Russel. Myth, psychology and society in Grettis saga. *Alvismál* 11, 2004: 3-16. <http://userpage.fu-berlin.de/~alvismal/11gretti.pdf>
- QUINN, Judy. Women in Old Norse poetry and sagas. In: MCTURK, Rory (Ed.). *A company to Old Norse-Icelandic literature and culture*. London: Blackwell Publishing, 2007, pp. 518-535.
- ROWE, Elizabeth Ashman & HARRIS, Joseph. Short prose narrative (þátr). In: MCTURK, Rory (Ed.). *A company to Old Norse-Icelandic literature and culture*. London: Blackwell Publishing, 2007, pp. 462-478.
- SAWYER, Birgit & SAWYER, Peter. *Medieval Scandinavia: from conversion to reformation circa 800-1500*. London: University of Minnesota Press, 2006.
- SIGURÐSSON, Gísli. *The medieval Icelandic Saga and oral tradition: a discourse on method*. Cambridge: Harvard University Press, 2004.
- _____. Orality and literacy in the sagas of icelanders. In: MCTURK, Rory (Ed.). *A company to Old Norse-Icelandic literature and culture*. London: Blackwell Publishing, 2007, pp. 285-301.
- SIMEK, Rudolf. Sagas islandesas: entrevista concedida a Johnni Langer e Álvaro Bragança Júnior. *Brathair* 9 (1) 2009, edição especial: sagas islandesas (no prelo). www.brathair.com
- SØRENSEN, Preuben Meulegracht. Social institutions and belief systems of medieval Iceland (c. 870-1400) and their relations to literary production. In: ROSS, Margaret Clunie (ed.). *Old Norse literature and society*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, pp. 8-29.
- TULINIUS, Torfi H. Le statut théologique d' Egill Skalla-Grímsson. In: LECOUTEX, Claude (ed.). *Hugur*. Paris: Presses de l' Université de Paris-Sorbonne, 1997, pp. 279-288.
- _____. Saga as a myth: the family sagas and social reality in 13th-century Iceland. In: BARNES, Geraldine & ROSS, Margaret Clunie (eds.). *Old Norse Myths, Literature and Society* (Proceedings of the 11th International Saga Conference). Sydney: Centre for Medieval Studies, 2000, pp. 526-539. <http://www.arts.usyd.edu.au/departs/medieval/saga/pdf/526-tulinius.pdf>
- _____. La conversión du Viking: l'image du guerrier païen dans les sagas islandaises. In: BOYER, Régis (ed.). *Les Vikings, premiers européens* (VII-XI siècle): les nouvelles découvertes de l'archéologie. Paris: Autrement, 2005.
- _____. Sagas of icelandic prehistory (fornaldarsögur). In: MCTURK, Rory (Ed.). *A company to Old Norse-Icelandic literature and culture*. London: Blackwell Publishing, 2007, pp. 447-461.
- VÉSTEINSSON, Orri. Archaeology of economy and society. In: MCTURK, Rory (Ed.). *A company to Old Norse-Icelandic literature and culture*. London: Blackwell Publishing, 2007, pp.7-26.
- WÜRTH, Stefanie. Historiography and pseudo-history. In: MCTURK, Rory (Ed.). *A company to Old Norse-Icelandic literature and culture*. London: Blackwell Publishing, 2007, pp. 155-172.